

Jovens e interação comunicativa na Amazônia paraense: entre o rural e o urbano

Young people and communicative interaction in Amazon of Pará: between rural and urban

Fábio Fonseca de Castro¹ / Alda Cristina da Silva Costa² / Monique Feio Igreja³

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a forma que se estabelecem as interações comunicativas dos jovens que vivem na ilha de Murutucu, Belém-PA, pertencentes a um território com práticas marcadas pela articulação entre o urbano e o rural. Com a pequena distância da ilha para Belém - apenas 9 km -, os jovens locais vivem em um contínuo deslocamento entre o meio rural e o urbano, fator que os coloca em contato com realidades diversas. Este estudo possibilitou o mapeamento de dados relacionados à experiência de morar na ilha e relativos ao deslocamento a Belém. Permitiu, também, a caracterização do uso do smartphone e da internet pelos jovens de Murutucu. Na pesquisa de campo, foram utilizados questionários, direcionados a 10 jovens, com o objetivo de identificar o perfil dos jovens ilhéus.

Palavra chave: Jovens. Amazônia. Smartphones. Urbano. Rural.

Abstract: This article proposes a reflection about the way that communicative interactions are established among young people living in Murutucu island, Belém-PA, belonging to a territory with practices marked by the articulation between the urban and the rural. The island is close to Belém - just 9 km -, and local young people live there in a continuous displacement between rural and urban, a factor that puts them in contact with different realities. This study enabled the data-mapping related to the experience of living in the island, as well for the displacement to Belém. Moreover it allowed the characterization of the use of smartphone and the internet by young people of Murutucu. In the field research, questionnaires were used, targeted to 10 young people, in order to identify the young islanders profile.

Keywords: Young people. Amazon. Smartphones. Urban. Rural.

1. Introdução

O espaço amazônico apresenta uma relação complexa entre mata, campo e cidade. Muitas vezes, esses espaços não são realidades estanques e isoladas entre si, e as populações que os ocupam apresentam estratégias diferenciadas de integração social, transitando entre eles em sua vida cotidiana. Esses processos tendem a se intensificar à medida em que os territórios mais isolados ganham acessibilidade ao uso de tecnologias de informação e comunicação e, também, naturalmente, à medida em que se integram às dinâmicas econômicas e culturais da sociedade nacional brasileira e do ocidente em geral. Porém, falar em intensificação das trocas econômicas e culturais não significa, necessariamente, falar em homogeneização dos espaços e em simplificação

das estratégias de reprodução social de sociedades tradicionais – como indígenas, ribeirinhos e quilombolas, dentre as populações tradicionais da Amazônia. A região metropolitana de Belém, por exemplo, constitui um espaço híbrido, no qual cerca de 100 mil indivíduos, que podem ser compreendidos como parte dessas populações tradicionais, convivem com uma população de cerca de 2,5 milhões de habitantes. Um espaço no qual diferentes territorializações e múltiplas hibridações se produzem. Particularmente interessante nos parece ser o caso das populações tradicionais que vivem nas 42 ilhas do município de Belém, ou nas demais 33, presentes nos outros municípios que compõem sua região metropolitana.

Essa condição insular garantiu, historicamente, a possibilidade de preservação de modos de vida tradicionais, embora a integração com a vida urbana seja constante. Conforme Ribeiro et al (2014), Belém se configura como uma metrópole diferenciada, se comparada às demais do Brasil, pois nos centros urbanos brasileiros as populações tradicionais geralmente vivem distantes dos centros econômicos. Efetivamente, o que permite a preservação desse modo de vida é o fato de que essas populações, que têm por principal atividade econômica o extrativismo vegetal e a pesca, encontram no centro urbano de Belém um espaço voraz de escoamento de sua produção.

O acesso dessas populações às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)⁴ se deu, naturalmente, em paralelo à experiência histórica de Belém, mas com peculiaridades: se a imprensa escrita surgiu, nessa cidade, na década de 1820, a rádio na década de 1920, a televisão na década de 1960, a telefonia móvel na década de 1990 e a internet nesse mesmo momento, a maior parte das ilhas de Belém permaneceu sem energia elétrica até o ano de 2011. Se o rádio à pilha ou à bateria constituía, nesse espaço, bem como em toda a Amazônia, o veículo de comunicação usual e fundamental, ainda hoje ocupando essa posição, o uso de televisão, telefonia e computadores só foi possível, ao menos no Murutucu, a ilha que pesquisamos, nesse ano de 2011. Os fatores limitadores são diversos, e o acesso à internet é feito exclusivamente por radiofrequência.

Não obstante, as TICs, sobretudo as mídias móveis, permitem que os habitantes das ilhas de Belém se façam incluir na teia de processos comunicativos que, contemporaneamente, perfazem as relações socioculturais entre o local e o global. Nesse cenário, o telefone celular tem se destacado como instrumento tecnológico capaz de promover apropriações de posições enunciativas e novas formas de sociabilidade. Utilizado anteriormente apenas para a realização de chamadas telefônicas, esse aparelho, reconfigurado como *smartphone*, posiciona-se, na atualidade, como

principal suporte de interação social midiática, à medida em que serve como plataforma ágil de *download* e *upload* de informações (JENKINS, 2009). Os *smartphones* permitem que usuários compartilhem informações por meio das mais diversas mídias sociais e passem a ocupar posições de enunciação que antes não lhes eram facultadas.

Este artigo objetiva compreender o uso dos *smartphones* por jovens de uma das ilhas que formam o município de Belém. Nossa intenção é perceber como as práticas culturais desses jovens agenciam e são agenciadas pela tecnologia e como a tecnologia reorganiza a sua percepção espaço-temporal, em relação à experiência social tradicional do espaço no qual eles se inserem. Num plano mais aberto, desejamos compreender o uso das TICs enquanto mediação cultural da articulação entre urbano e rural vivenciada pelos jovens da Amazônia.

Compreendemos que a comunicação globalizada interfere diretamente nas interações dos indivíduos e que isso ocorre de maneira peculiar para aqueles que vivem na tênue fronteira entre campo e cidade, na Amazônia. Pretendemos, com essa perspectiva, compreender como o aparelho celular está inserido nas interações dos jovens, assim como abordar questões referentes ao modo de vida de Murutucu, as noções que os jovens têm do local no qual vivem e como lidam com o contínuo fluxo entre esse espaço e Belém.

2. Descrição da metodologia e dos sujeitos entrevistados

Procuramos compreender o uso de telefones celulares pelos jovens da ilha do Murutucu por meio de uma pesquisa de campo centrada em entrevistas semiestruturadas com dez jovens. O objetivo foi mapear as formas de interação possibilitadas pelos aparelhos em populações ribeirinhas jovens, situadas nos espaços híbridos da transição urbano-rural da Amazônia. Nosso questionário teve questões abertas e fechadas referentes à realidade socioeconômica, faixa etária, escolaridade e gênero. Também foram abordadas questões prospectivas, que pretenderam diagnosticar aspectos subjetivos dessa relação, notadamente a percepção da temporalidade, ou melhor, o conflito de temporalidades entre os espaços rural e urbano propiciado pelo uso das TICs.

As entrevistas foram estruturadas sobre quatro eixos: identificação; a experiência de morar na ilha; a experiência do deslocamento à Belém; a caracterização do uso do celular e da internet. As perguntas referentes aos quatro eixos podem ser visualizadas no quadro a seguir.

Identificação	Experiência de morar na ilha	Dados sobre o deslocamento a Belém	Caracterização de uso do celular/internet	
<ul style="list-style-type: none"> • Gênero • Idade • Escolaridade • Nível de renda familiar • Tempo de moradia na ilha • Atividade remunerada do jovem • Atividade remunerada dos pais • O jovem se identifica como ribeirinho? 	<ul style="list-style-type: none"> • Pretende morar definitivamente na ilha? • Gosta de morar na ilha? • O que mais gosta do lugar em que mora? • O que o jovem menos gosta na ilha? • O que faz nos momentos de lazer na ilha? • Tem contato com adolescentes de outras comunidades? 	<ul style="list-style-type: none"> • O que o jovem faz quando vai a Belém? • O jovem tem atividades de lazer em Belém? • Acha que Belém é longe? • Vai a Belém quando não é para estudar e/ou trabalhar? • Sente diferença no passar do tempo em Belém e Murutucu? 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais os meios de comunicação que tem em casa? • O jovem tem celular? • Qual a marca e modelo do celular? • Para quê costuma usar o celular? 	<ul style="list-style-type: none"> • Acessa a internet? Se sim, para quê? • Tem redes sociais? Quais? • Quais os aplicativos que usa no celular? • Como usa o Facebook no Celular? • A conexão é boa?

QUADRO 1 - Questões do questionário

FONTE - Elaborado pelos autores

O deslocamento à ilha foi feito por meio de um barco motorizado, tipo de embarcação utilizado pelos ribeirinhos em seu cotidiano. O universo pesquisado foi composto por 10 jovens, sendo 7 moças e 3 rapazes. Procuramos um espectro etário amplo, com peso maior na camada intermediária da idade entre 15 e 17 anos (60% da amostra) e duas faixas contíguas: 12-15 anos (20%), de 18-23 anos (20%). Sete dos 10 jovens pertencem a famílias com um orçamento de até um salário mínimo e 3 com um orçamento que flutua entre 1 e 2 salários mínimos. Dentre os entrevistados, 3 cursam o 7º ano do ensino fundamental, 1 jovem estuda no 8º ano, 1 cursa o 9º ano, 3 cursam o 2º ano do ensino médio, 1 concluiu o ensino médio em 2014 e 1 interrompeu os estudos no 2º ano do ensino médio.

Apenas 2 jovens dos 10 entrevistados declararam trabalhar. Um deles atua no escritório de um supermercado de Belém, como Jovem Aprendiz, e o outro trabalha com a extração de açaí. A respeito da atividade exercida pelos pais, 8 jovens responderam que a mãe é “dona de casa” e 8

afirmaram que o pai atua com a extração e comercialização de açaí. Outros 2 jovens afirmaram que a atuação paterna está relacionada ao transporte escolar. Esse dado reflete a predominância da atividade extrativista do fruto na ilha de Murutucu, que já foi sede de uma fábrica de beneficiamento e exportação de açaí, denominada *Amazon Frut*. A empresa se configurou como grande exportadora de polpa de açaí da ilha, comercializando o produto para empresas de cinco continentes (LIMA et al., 2010). Segundo Rodival Araújo Navegantes, morador de Murutucu há mais de 25 anos, a empresa operou de 2009 a 2012. Toda a estrutura da *Amazon Frut* ainda pode ser encontrada na ilha, mas está inutilizada.

3. O lugar: Os caminhos de águas que levam à Murutucu

A região insular de Belém, composta, como dissemos, por 42 ilhas, possui 33.203,67 hectares, o que corresponde a 65,64% do território municipal. As populações indígenas de grupos tupinambás foram as primeiras a ocupar essas ilhas e, em seu processo histórico, estima-se que enfrentaram frequentemente as populações de origem karib, que dominavam o arquipélago do Marajó. Com o controle desses territórios pelos colonizadores portugueses, as ilhas de Belém passaram a ser ocupadas por populações ribeirinhas. O histórico da parte insular da capital paraense remonta a um passado de tratamento inferior: as ilhas eram destinadas ao isolamento de pessoas tidas como perigosas pelo governo, que portavam doenças infecciosas ou tinham comportamento considerado marginal (GUERRA, 2003).

Atualmente, o volume e o valor produtivo do território insular de Belém são reconhecidos, mas, segundo Guerra (2003, p.157), as demandas das ilhas ainda não têm a devida atenção do Governo: “[...] elas continuaram funcionando como uma espécie de reserva de terras urbanas ou de fornecimento de produtos primários, sem que políticas públicas claras lhe fossem dedicadas”. Essa afirmação é facilmente notada na realidade dos habitantes do Murutucu. A partir de alguns pontos da ilha é possível visualizar todo o complexo de prédios localizados perto da orla de Belém, bem como a estrutura da Universidade Federal do Pará, localizada bem em frente; entretanto, algumas estruturas básicas da vida cidadina, como serviço escolar e de saúde, não estão inseridas na realidade dos moradores.

A ilha do Murutucu está localizada às margens do rio Guamá e fica a apenas 9 km, em linha reta, do centro de Belém. Essa proximidade faz com que haja um intenso deslocamento dos

habitantes entre a ilha e a capital, principalmente para fins de comercialização do açaí, mas também para que usufruam de serviços oferecidos pela cidade e não disponíveis na ilha. Murutucu conta apenas com uma escola, denominada Acaimu, que oferta turmas até o 5º ano. Devido a essa realidade, os jovens que vivem na ilha precisam, a partir do 6º ano, se deslocar até Belém para estudar.

O Murutucu é uma das ilhas mais extensas da porção sul do complexo insular de Belém. Tem uma área de 866,16 hectares, é ocupada por 138 famílias⁵ e a atividade extrativista mais praticada pela sua população é a coleta do açaí, que é vendido no tradicional Porto da Palha, em Belém.

Em imagem de satélite, Figura 1, percebe-se os sistemas ambientais próximos a Belém ocupados por populações ribeirinhas: a mancha verde associada à atividade extrativista, em contraste com a mancha urbana:



FIGURA 1 - Foto de satélite das ilhas do Combu e Murutucu

FONTE - Google Mapas

Também é possível notar a proximidade entre Murutucu e a parte urbana de Belém. De fato, a interação dos moradores da ilha com a capital do Pará é intensa. Com a pequena distância e as trocas econômicas quotidianas, muitos aspectos do indivíduo urbano, compreendido enquanto tipo ideal da modernidade cidadina, foram incorporados ao modo de vida dos jovens locais.

Para melhor caracterizar o espaço pesquisado reproduzimos, ainda, a Figura 2, na qual

percebemos a área urbana de Belém ao fundo, a partir da embarcação utilizada na pesquisa, em imagem feita no rio Guamá:



FIGURA 2 – Travessia de Belém para Murutucu

Por fim, procuramos ilustrar o padrão de residências típicas da zona ribeirinha de Belém, por meio da Figura 3, local de moradia de um dos jovens entrevistados, para melhor contextualizar a experiência social dos ilhéus.



FIGURA 3 - Residência de um dos entrevistados, localizada no Furo da Paciência.

As associações de ideias referentes ao campo e à cidade são variadas. De acordo com Williams (1989), o contraste entre rural e urbano, como modos de vida fundamentais, tem origem na antiguidade clássica e cristalizou noções específicas para cada uma dessas realidades: o campo estaria ligado a uma forma natural de vida, que envolve a paz, a inocência e virtudes simples. Já à

cidade estaria reservada a ideia de “centro de realizações – de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1989, p.11). Associações negativas à cidade e ao campo também são relacionadas: “[...] a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação” (WILLIAMS, 1989, p.11). A chamada escola de Chicago⁶ estabeleceu critérios geográfico-espaciais para qualificar a experiência espacial dos indivíduos, e isso resultou em forte polarização entre o urbano e rural, ainda que a caracterização do urbano se produza a partir de sua heterogeneidade.

Porém, em uma realidade multifacetada como a da Amazônia, as ideias tradicionalmente pré-estabelecidas referentes ao urbano e ao rural exigem a percepção de zonas de contraste e de hibridação. É arriscado precisar o que diferencia o modo de vida urbano do rural em espaços que apresentam constante processo de polarização e que não raro se sobrepõem. As recorrentes interseções ocorridas entre os meios rural e urbano, de acordo com García Canclini (2010), inviabilizam a aplicação do conceito de que um é, simplesmente, a oposição do outro. Conforme Vasconcellos (1999, p.14), a Amazônia apresenta um problema na abordagem da relação campo-cidade: “O espaço rural faz parte de uma estrutura social ampla, da qual faz parte também a cidade e essa, por sua vez, está introduzida no campo, havendo entre ambos relações e formas variadas”.

Cardoso e Lima (2006) destacam que as cidades na Amazônia têm diferentes significados para os variados agentes sociais inseridos na produção do espaço urbano e rural: “As estratégias dos agentes revelam redefinições do urbano em meio a um rural em transformação” (CARDOSO; LIMA, 2006, p. 82). A afirmação de que todas as sedes de município são tidas como cidades, tornou-se, de acordo com os autores, determinante para que as vantagens políticas decorrentes da origem de novos municípios disseminassem cidades em um território amazônico anteriormente diferenciado, pois era “[...] dominado pela cultura rural, carente de infra-estrutura e de referências de comportamento urbano” (CARDOSO; LIMA, 2006, p. 90).

Conforme Castro (2009), 70% da população da Amazônia vive em cidades, mas a autora enfatiza que essa estatística deve ser entendida a partir da ideia de que o urbano faz parte de uma dinâmica territorial que envolve estruturas do rural. Dessa forma, torna-se relevante voltarmos os olhos para essas realidades considerando noções de território, mas também “[...] resgatando o universo de relações sociais que ultrapassa, na realidade, essa segmentação rural-urbano” (CASTRO, 2009, p. 9).

Nesse sentido, a análise dos ambientes rural e urbano deve ser tecida a partir de percepções dos contextos culturais e das subjetividades relativas aos povoados, vilas, aldeias, pequenas e médias cidades, pois estes contêm afinidades históricas e culturais, fato que demanda um entendimento para além da dicotomia existente entre rural e urbano (CASTRO, 2009). Assim, os atores sociais amazônicos devem ser compreendidos na dinâmica interativa que os caracteriza, pois “as cidades na Amazônia assumem diferentes significados para os diversos agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano-rural. As estratégias dos agentes revelam redefinições do urbano em meio a um rural em transformação” (CASTRO, 2009, p.10).

A dimensão subjetiva, ou melhor, intersubjetiva, desse processo histórico produz um modo de produção peculiar e uma experiência social centrada em uma realidade composta por sistemas fluviais e matas onipresentes na forma de vida desses sujeitos amazônicos. Paes Loureiro (2001) interpreta essa realidade observando que o rio envolve tudo: “[...] a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade” (LOUREIRO, 2001, p.125). Os rios são decisivos, portanto, na maneira de vida daqueles que moram ao longo de suas margens e que na vida cotidiana são conhecidos como ribeirinhos. Diegues (2008) conceitua-os como comunidades que têm uma forma de organização econômica e social com baixa acumulação de capital e que desenvolvem atividades econômicas centradas na extração sustentável de recursos naturais renováveis.

Conforme Arenz (2000), a formação histórica dos ribeirinhos da Amazônia se deu a partir da fundação de Belém, em 1616, marco inicial da ocupação da região pelos portugueses, intensificando-se a partir 1790, quando foi desfeita a organização dos Diretórios Indígenas pombalinos, com o resultado da dispersão, pela floresta, dos milhares de indígenas aculturados que

viviam nas dezenas de aldeamentos. O antropólogo Darcy Ribeiro (2006) explica que essa população surgiu a partir da interação entre colonizador (português) e colonizado (indígena), e constituiu-se como nova e distinta, com forte influência das culturas originárias ameríndias. De acordo com o autor, o modo de vida do ribeirinho é, em muitos aspectos, equivalente ao indígena.

Para as populações ribeirinhas, os rios estabelecem importante significado, pois “assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais”. (LOUREIRO, 2001, p. 125). Dessa forma, os processos de interação com o rio estão relacionados não só com a questão geográfica dos ribeirinhos, mas também com as relações econômicas e socioculturais que estabelecem com ele.

4. Usos da tecnologia e percepções de espacialidade e temporalidade

No questionário aplicado aos entrevistados, uma das questões indagava quais os meios de comunicação que havia na casa dos jovens. Considerando a possibilidade de múltiplas respostas, todos afirmaram ter celular, 4 indicaram ter aparelho de televisão, um jovem afirmou ter notebook, assim como apenas um deles indicou ter rádio. Por meio dessa pergunta, foi possível constatar que a maior parte dos entrevistados relaciona como meio de comunicação o celular. Um caso interessante foi o de dois jovens que responderam o questionário na própria residência. Notamos que na sala de estar de ambos havia uma televisão, porém eles não relacionaram este aparelho como meio de comunicação.

Os 10 entrevistados relataram ter celular. Todos indicaram ter *smartphones*, predominando o uso de aparelhos das marcas LG (6), Motorola (2) e Samsung (2). A totalidade dos jovens que participaram da entrevista também afirmou acessar a internet, sendo que o acesso é mais praticado por meio do celular (9), notebook (3) e computador de mesa (1) .

Com relação à frequência de uso da internet pelo celular, 5 afirmaram acessar de vez em quando ⁸ e outros 5 relataram acessá-la sempre. Dos 10 jovens entrevistados, 9 declararam utilizar a internet para interagir nas redes sociais, mas também 6 indicaram usá-la para pesquisar trabalhos da escola e 2 afirmaram ter o hábito de fazer o *download* de músicas ou filmes.

Percebemos que há uma grande popularidade do *Facebook* entre os jovens – 9 deles afirmaram ter conta na rede social, 4 também apontaram manter conta no *Instagram* e 2 no *Twitter*. Também mapeamos os aplicativos mais utilizados e constatamos que o *Facebook* é o mais

acessado – está presente no aparelho celular dos 10 jovens que participaram da entrevista. O *Whatsapp*, aplicativo que permite a troca de mensagem por *smatphones*, também é bastante popular: 7 jovens declararam usá-lo.

Por meio das respostas do questionário, notamos que o comportamento dos jovens no *Facebook* se dá principalmente curtindo publicações (80%) e compartilhando fotos (60%). Apenas um jovem relatou ter o hábito de postar textos. Já com relação à conexão da internet na ilha, 6 entrevistados responderam ser boa “às vezes” e 4 declararam ser ruim. A maioria dos jovens relatou que, no período de chuvas intensas, a conexão costuma cair com frequência.

Os entrevistados que apontaram que a internet do local é ruim foram os jovens identificados nesta pesquisa como 7, 8, 9 e 10⁹, moradores do Furo da Paciência. Eles declararam que a internet apenas pode ser acessada de alguns pontos do Furo. A jovem 10, inclusive, relatou já ter tentado a conexão em todos os pontos de sua residência e em apenas um conseguiu acesso. “Aqui em casa eu uso bem na beirinha da minha cama, é o único lugar que pega no celular”, relatou.

Trindade (2011, p. 35) atenta para o fato de que a juventude atribui significados de acordo com os referenciais a que tem acesso, o que produz a existência de variados padrões de “juventude”: “[...] a juventude é interpretada e representada distintamente, de acordo com os contextos constituintes da mesma: as vivências, o lugar, o tempo histórico, as concepções de vida, entre outros aspectos”. Os jovens ribeirinhos das ilhas de Belém representam um desses padrões, absorvem elementos das sociedades tradicionais, assim como aspectos relacionados à forma de vida da cidade (FREIRE, 2002). Mas, é preciso perguntar, qual a percepção que esses jovens têm do papel da tecnologia em suas vidas?

Percebida fenomenologicamente, a tecnologia não é um “meio” e nem, tampouco, um instrumental externo, do qual se pode ter alguma consciência enquanto objeto, processo ou veículo. É, apenas, uma continuidade do corpo, uma extensão. Como tal, ela não cria conflitos e nem coloca um problema de interposição entre os “sujeitos” que a usam e a sua materialidade como “objeto”. Tais coisas não se distinguem, apenas se completam. Porém, se completam de maneira diferenciada para cada grupo populacional, conforme sua experiência social.

Por suposto, a relação entre os *smartphones* e a experiência social das camadas mais jovens

da população tem especificidades que não serão encontradas em outros grupos etários. Esses jovens ocupam uma posição central no campo midiático, por meio da universalização do uso dos *smartphones*. Contexto que pode ser observado em Silva et al (2005):

A partir da segunda metade do século XX o estrato jovem da população passa a ocupar uma posição destacada em termos da cultura massiva e, posteriormente, do que se vem denominando o campo midiático, tanto na esfera da produção quanto na do consumo real e simbólico. Esse consumo, percebido em um sentido amplo, estruturado por e estruturante de complexas redes sócio – econômicas e culturais, expande-se e se reconfigura no contato com os fluxos da experiência urbana e no compartilhamento, nem sempre pacífico, de diferentes imaginários geracionais (SILVA et al, 2005, p. 1).

A relação desses jovens com a tecnologia se dá por meio de códigos e práticas de consumo, de gosto e de sociabilidade que seguem um padrão de reprodução industrial e massiva e que atende aos apelos do marketing e da publicidade. Porém, não se pode reduzi-la a isso, pois os processos da mediação cultural que envolvem os indivíduos se produzem intersubjetivamente e complexamente a partir da sua experiência social.

A experiência espacial e temporal dos jovens do Murutucu responderiam, assim, provavelmente, aos ecos de sua intersubjetividade, aos marcadores de enunciação daquilo que pretendem ser. Quando perguntados sobre a forma como se identificam, 7 jovens responderam ter uma identificação maior com a categoria “jovem ribeirinho”, 2 com a classificação “jovem ilhéu (da ilha)” e apenas 1 com a categoria “jovem”. Ressaltemos que quatro dos entrevistados nasceram na ilha, 5 em Belém e 1 jovem nasceu no município vizinho do Acará. Dentre os que nasceram em Belém, 2 vivem na ilha desde recém-nascidos e os demais passaram a morar no local entre 6 e 15 anos de idade.

O depoimento dos jovens expressa que o deslocamento a Belém é motivado principalmente para estudar (90%), fazer compras (70%) e usar serviços de saúde (60%). Os jovens que relataram ir a Belém para utilizar serviços de saúde afirmaram que essa prática é constante devido ao fato de o posto médico da ilha de Combu, localizado mais próximo de Murutucu que os existentes em Belém, ofertar serviços precários à população.

Com relação às atividades de lazer praticadas na capital paraense, apenas três jovens afirmaram não ter o costume de visitar a cidade com esse objetivo. As respostas dos demais entrevistados foram diferentes e contemplaram as seguintes atividades: ir aos pontos turísticos da cidade, visitar as praças, ir ao cinema, passear no *shopping*, frequentar padarias com amigos, ir à

igreja.

Ao serem questionados a respeito de sua percepção quanto à distância de Murutucu para Belém, todos os entrevistados responderam que a cidade fica localizada perto da ilha. 90% dos jovens afirmaram ir à capital mesmo quando não é dia de escola.

A questão da espacialidade apresenta marcadores nítidos na subjetividade dos jovens entrevistados, mas essas fronteiras não parecem se colocar de maneira problemática, e sim complementar. Questões como a diferença entre espaço rural e espaço urbano não chegam a ter sentido senão como percepção de contiguidade: o espaço urbano de Belém não é percebido como “um outro lugar”, mas sim como um espaço contíguo, marcado pela proximidade útil.

Talvez por isso, apesar dos elementos negativos presentes na experiência de viver no Murutucu, não viver na ilha não se apresenta como uma escolha imediata para o seu futuro. Dos 10 jovens que participaram da pesquisa, 6 indicaram ter pretensão de morar definitivamente na ilha e 4 responderam não pretender continuar no local. A falta de opções de divertimento, a baixa qualidade do sinal que dá acesso à internet e a carência de oportunidade de estudos foram os principais pontos destacados pelos jovens que declararam não desejar viver definitivamente em Murutucu. Apesar desse posicionamento de alguns dos entrevistados, quase todos (9 jovens) afirmaram gostar de viver na ilha e apenas um deles respondeu “um pouco” ao ser questionado se gostava do local.

Quando perguntados sobre o que mais gostam do lugar onde moram, os jovens da ilha que residem na beira do rio Guamá teceram os seguintes comentários: "Eu gosto do silêncio, porque não gosto muito de barulho. Acho que aqui é tudo de bom" (Jovem 1); "Gosto principalmente porque é calmo, sem movimento, sem barulho, totalmente diferente de Belém" (Jovem 2); "Gosto do ambiente" (Jovem 3); "Rios e silêncio" (Jovem 4); "Gosto de tudo da ilha, do ambiente, de estar no meio de tranquilidade, da natureza, do rio principalmente". (Jovem 5); "Aqui é bem calmo e seguro" (Jovem 6).

Já os jovens que residem no Furo da Paciência responderam da seguinte forma: "Eu gosto mesmo porque aqui tem muitas árvores e eu gosto de árvore, do rio também". (Jovem 7); "Gosto da tranquilidade" (Jovem 8); "Não tem nada legal na ilha" (Jovem 9); "Eu acho que o que mais gosto daqui é a calma, o sossego" (Jovem 10). Apenas o jovem 9 declarou “não ter nada legal na ilha”, pois, segundo ele, não há opções de lazer na localidade. É importante frisar que o jovem que

concedeu essa declaração é morador do Furo da Paciência, que tem residências com acesso mais limitado se comparadas às localizadas na margem do Rio Guamá.

Os entrevistados também foram questionados a respeito do que menos gostam no Murutucu. Os jovens 1, 2 e 4 declararam não haver nada que não gostassem na ilha, já os jovens 8 e 10 apontaram a falta de uma área com qualidade para o acesso à internet como fator negativo de Murutucu, visto que residem no Furo do da Paciência, localidade em que apenas alguns pontos captam o sinal de celular. Estas declarações evidenciam o importante lugar que o acesso à internet ocupa no cotidiano de alguns entrevistados. O jovem 3 apontou que não gosta do silêncio de Murutucu. Já o jovem 6 relatou não gostar do isolamento da ilha, pois causa dificuldade para sair para festas. O entrevistado 9 declarou não saber o que menos gosta de Murutucu.

A jovem 5, por sua vez, salientou como aspectos negativos da ilha a falta de água potável, de um sistema de coleta de lixo e a falta de escola que oferte turmas a partir do Ensino Fundamental. A declaração da entrevistada evidencia a realidade de carência de serviços sociais vivenciada pelos moradores da ilha, decorrente da falta de atenção do poder público com os ribeirinhos, que precisam adquirir água de pessoas que passam em barcos comercializando-a, ou necessitam se deslocar a Belém para comprá-la. O lixo, por sua vez, é queimado, pela maioria dos moradores, em seus quintais.

Hilton Silva (2006, p. 324) destaca que as populações caboclas têm sido ignoradas pelo poder público, “devido às suas características genética e culturalmente mestiças e a sua pouca organização político-social, o que faz deles um segmento da população brasileira definido por alguns autores como ‘invisível’”.

Essa invisibilidade também pode ser notada por meio de um fato relatado pela jovem 7, que reside no Furo da Paciência. Ela declarou que muitas pessoas dirigindo lanchas e *jet skies* passam em alta velocidade em frente às residências situadas no Furo, a qualquer hora, parecendo não se importar com a população e interrompendo a tranquilidade que costumava envolver o local. O Furo da Paciência dá acesso a restaurantes situados principalmente na ilha do Combu, fator que corrobora para que o fluxo de embarcações seja intenso. As jovens 7 e 8 comentam essa realidade: "O movimento é quase todo dia, a qualquer hora do dia e da noite" (Jovem 7); "Sem falar que, às vezes, eles passam até... até tendo relacionamentos sexuais" (Jovem 8); "E passam escutando

músicas altíssimas, eles passam aí na maior velocidade" (Jovem 7).

Quando perguntados a respeito do que costumavam fazer nos momentos de lazer na ilha, 60% dos jovens, considerando a possibilidade de múltiplas respostas, indicaram assistir televisão, assim como 60% também optaram por acessar a internet, enquanto 40% indicaram gostar de tomar banho no rio e outros 40% relataram ouvir música. Dessa forma, percebemos que a atividade de assistir à televisão continua sendo bastante praticada pelos jovens da ilha, juntamente ao acesso à internet. Quase todos os entrevistados (90%) apontaram manter contato com jovens que residem em Belém e com aqueles que moram em ilhas próximas, como Combu e Ilha Grande.

Para introduzir o problema de temporalidade lançamos aos entrevistados uma questão presente no senso comum referente à percepção do “passar do tempo”: o tempo passa de maneira diferente na ilha e na cidade? A ela, 2 entrevistados citaram não sentir diferença no passar das horas nas duas localidades, outros 2 apontaram que o tempo demora para passar em Belém, e atribuíram essa resposta ao fato de precisarem esperar por muito tempo o barco que realiza o transporte escolar de Belém para a ilha¹⁰. A maior parte dos agentes de pesquisa (6 jovens) afirmou ter a impressão de que o tempo costuma passar mais rápido em Belém. A seguir, destacamos alguns comentários tecidos a esse respeito: "Aqui parece que o tempo passa mais devagar, em Belém o tempo passa mais rápido. É meio esquisito, eu acho estranho isso, porque a hora passa mais rápida lá. Parece que o tempo voa" (Jovem 1); "Eu acho que, pra mim, as horas passam mais rápido lá em Belém" (Jovem 2); "Lá passa mais rápido porque é tudo corrido, é muita agonia, é muito calor, é muito movimento"(Jovem 5).

Os depoimentos dos entrevistados evidenciam o aspecto subjetivo da temporalidade. Ela está imbricada na relação do sujeito com o espaço que habita. Dessa forma, o tempo não se configura como um processo real, mas nasce da relação do indivíduo com as coisas. (MERLEAU-PONTY, 1994). Paes Loureiro (2001, p. 67) destaca o caráter sensível do tempo: “[...] o tempo dos homens é como algo acontecendo sensivelmente, visivelmente em derredor”. Silverstone (1993) assim descreve a relação entre temporalidade e as TICs:

the relationship between time and information and communication technology in household and family life has to be understood in terms of the relationship between two social and cultural systems, that of information and communication technology in household and family, in which one does not determine the other (SILVERSTONE, 1993, p. 285).

Ele também assinala que o potencial de qualquer tecnologia não está inscrito somente na

funcionalidade, mas, sobretudo, na retórica do marketing que a acompanha. Nesse sentido, as TICs despontam como uma ferramenta de controle da espacialidade e da temporalidade. Todos os jovens entrevistados concordaram com o fato de que seus *smartphones* permitem uma intensificação, no tempo e no espaço, de seu contato com os amigos. Porém, o espaço-tempo da tecnologia não resulta em igual experiência espaço-temporal das realidades vivenciadas.

Considerações Finais

Percebe-se, assim, que na Amazônia a fronteira entre urbano e rural é muito tênue, considerando que nesse espaço há diferentes territorializações e múltiplas hibridações. Os atores sociais, principalmente os jovens ribeirinhos pesquisados da ilha de Murutucu, vivem suas vidas em uma constante extensão, no cotidiano, de transição entre esses dois espaços, pois o que falta em um o outro complementa. Por isso, em específico a essa realidade, observamos um espaço contíguo. Nossas percepções foram tecidas, demarcando a não linearidade de urbano-rural, mas a contiguidade dos contextos culturais e das subjetividades relativas a essa população jovem em que as relações sociais ultrapassam essa segmentação.

É importante enfatizar, que mesmo não demarcando territorialmente esses espaços e suas diferenças, as relações entre “campo” e “cidade”, com seus estigmas e suas tipologias, também permanece, presente na subjetividade dos jovens.

Nas relações interativas dos jovens de Murutucu, a tecnologia ganha uma importância significativa, seja pelo uso da internet ou do aparelho celular, na medida em que permite que esses atores sociais se posicionem em um cenário mais amplo. Eles (os jovens) estabelecem uma mediação entre a sua realidade e os outros mundos possíveis, entre a sua identidade vivenciada e a possibilidade de novas identificações. O *smartphone* passa a ser meio de comunicação e ligação entre o seu mundo com os outros mundos.

Para os jovens, a identidade ribeirinha não se configura como conflito à sua autoidentificação, mas a proximidade física com a cidade constitui um marcador espacial importante. Um não determina o outro, mas é apropriado pelos jovens nas suas interações entre esses dois espaços vividos na ilha de Murutucu.

1

Pós-doutor em Etnométodos pela Université de Montréal, Coordenador e Professor do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, fabio.fonsecadecastro@gmail.com

2

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Vice-coordenadora e professora do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, aldacristinacosta@gmail.com

³

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, Aluna do PPGCOM/UFPA, moniredacao@gmail.com

⁴Neste trabalho, entende-se por TICs a todas as tecnologias que influenciam os processos comunicativos e informacionais dos indivíduos. O termo também está relacionado ao conjunto de recursos tecnológicos integrados, que possibilitam e potencializam a comunicação, por meio de *hardware*, *software*, telecomunicações e automação, que envolvem os processos de negócios, pesquisa científica, ensino e aprendizagem, assim como a vida social (CASTELLS, 1999).

⁵Informação obtida em entrevista informal realizada no dia 21 de janeiro de 2015 com a funcionária Deuza Cordeiro, que trabalha com serviços gerais na escola Acaimu, localizada na ilha de Murutucu. De acordo com Deuza, o número de famílias foi constatado por meio da última pesquisa realizada por professores da escola, há quatro anos.

⁶A escola de Chicago surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, e foi pioneira em estudar o pensamento comunicacional sistemático. O espaço urbano é tido por seus teóricos como forte influenciador no processo de formação do indivíduo.

⁷A somatória de algumas das respostas desta pesquisa ultrapassa 100%, devido à possibilidade de os jovens escolherem mais de uma alternativa.

⁸É importante frisar que os jovens que forneceram essa resposta, destacaram que o acesso é praticado de vez em quando, pois nem sempre têm recarga disponível no celular para navegar na internet.

⁹Para preservar a identidade dos jovens, os mesmos foram caracterizados de acordo com a ordem que foram entrevistados.

¹⁰O transporte escolar dos jovens de Murutucu é de responsabilidade da Prefeitura de Belém. Todos os dias, a partir das 6h da manhã, uma embarcação se desloca por toda a ilha buscando os alunos e os leva até a capital paraense. O trajeto de volta acontece às 18h e o barco escolar só retorna à ilha quando todos os jovens que foram levados para a cidade estão presentes.

Referências

ARENZ, K. H. **Filhos e filhas do Beiradão: A formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia**. Santarém: Faculdades Integradas do Tapajós, 2000.

CARDOSO, Ana Cláudia D.; LIMA, José Júlio F. Tipologias e padrões de ocupação urbana na Amazônia Oriental: para que e para quem? In: CARDOSO, Ana Cláudia D (org.). **O rural e o urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectivas**. Belém: EDUFPA, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Edna. Introdução. In: CASTRO, Edna (org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2009.

DIEGUES, A. C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec: Nupaub-USP/CEC, 2008.

FREIRE, Jacqueline. **Juventude ribeirinha: identidade e cotidiano**. Dissertação (Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Imaginários urbanos**. 4. ed. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

GUERRA, Gutemberg. A expansão do território de Belém para as ilhas. In: Simpósio Amazônia, Cidades e Geopolíticas das Águas, 2003, Belém, **Anais...** Belém: NAEA/UFPA, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, N. et al. A informação ambiental na ilha do Murutucu Belém-PA, 2009-2010: Um estudo de caso da relação urbano e rural. In: I Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 2010, Bauru, **Anais...** Bauru: IBEAS, 2010. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2010/I-002.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **João de Jesus Paes Loureiro: obras reunidas: poesia I**. São Paulo: Escrituras, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RIBEIRO, Bruna Gomes; CARDOSO, Ana Cláudia D.; BEZERRA, Fabiola N. C.. A dualidade do ambiente natural/urbano e suas perspectivas em Cotijuba-Pa. In: *III Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo*, 2014, Belém. **Anais...** Belém, 2014: UFPA. Disponível em: <<http://www.appurbana2014.com/anais/ARQUIVOS/GT2-315-127-20140601225003.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Hilton. Sócio-ecologia da saúde e doença: Os efeitos da invisibilidade nas populações caboclas da Amazônia. In: ADAMS, C.;MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs.). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

SILVA, Josimey Costa da ; OLIVEIRA, RitaAlves de ; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Vivências juvenis e urbanidade: articulações entre experimentação da violência e consumo cultural. In: Intercom 2005, **Anais...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1293-1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Time, information and Communication Technologies and the Household**. In: Time Society, vol 2 (2), 1993, p. 283-311.

TRINDADE, Mariléia Pereira. **Representações sociais de jovens da ilha de Cotijuba – Belém/PA sobre o ensino médio e relações com seus projetos de vida**. Dissertação (Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

VASCONCELLOS, Ana Maria de Albuquerque. **Espaço social e populações tradicionais na Amazônia: conflito e resistência**. Belém: UNAMA, 1999.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Arquivo PDF gerado pela COMPÓS